

## OS TERREMOTOS, AS CALAMIDADES E DEUS

(The earthquakes, the calamities and God)

**Prof. Donizete José Xavier**

Mestre em Teologia Dogmática e professor  
assistente da Faculdade de Teologia  
da PUCSP.

### Resumo

Ante os terremotos do Haiti, do Chile e da China, com tantas vítimas e na sua maioria pobres e inocentes, não são poucos que se perguntam: Deus não é Bom e Onipotente? Então por que não evita tais calamidades? Por que permite a morte trágica de tantos inocentes? Articulando estas indagações com a questão da fé da revelação de Deus, o texto apresentado é uma tentativa de dizer que a fé em Deus não pode ser real a margem do escândalo do sofrimento dos inocentes, senão através dele. E sem esgotar o assunto porque não há respostas claras para todas as situações de calamidade de dor e sofrimento dos seres humanos procura-se enfatizar a incumbência cristã e humana de caráter universal, ou seja, ser solidário com as vítimas é assumir a partir delas uma atitude em favor de uma ética universal do ser humano.

Palavras-chave: Catástrofe. Teodicéia. Justiça.

### Abstract

Before Earthquakes in Haiti, Chile and China, with many victims and mostly poor and innocent, not a few who wonder: God is Good and Omnipotent? So why not prevent such calamities? By allowing the tragic death of so many innocents? Articulating these questions with the question of faith of God's revelation, the text presented is an attempt to say that faith in God can not be real scandal of the margin of innocent suffering, but through it. And without exhausting the subject because there are no clear answers to all disaster relief of pain and suffering of human beings seek to emphasize the responsibility of Christian and human universal character, ie be in solidarity with the victims is to take from them a attitude in favor of a universal ethics of human beings

Keyword: Catastrophe. Theodicy. Justice.

### Introdução

Desde janeiro deste ano, o mundo ficou perplexo com os devastadores terremotos que atingiram tantos países, como Haiti, Chile e China. Em quatro meses de um novo ano estima-se cerca de 250 mil pessoas vitimadas numa tragédia similar, o abalo sísmico, fenômeno de vibração brusca e passageira da superfície da Terra chamado de terremoto. Em 12 de janeiro o pequeno e pobre país Haiti no Caribe sofreu um terremoto catastrófico que teve seu epicentro na parte oriental da península de Tiburon, cerca de 25 km da capital haitiana, Porto Príncipe. O abalo sísmico alcançou a magnitude de 7 pontos na escala Richeter. Estima-se o número de mortos acima de 100 mil pessoas. A catástrofe foi iminente. No dia 27 de março outro país, agora na América do sul, o Chile também é afetado por um sismo de magnitude 8.8 deixando cerca de 300 mortos. No dia 14 de abril é a China que sofre um tremor da terra de magnitude 7.1, estima-se mais de 600 mortos.

Por outro lado, aqui no Brasil a dor da tragédia passou pelas enchentes, deslizamentos de terra e excesso de chuvas. Cidades como Angra dos Reis no Rio de Janeiro e São Luiz do Paraitinga em São Paulo foram afetadas pelas questões climáticas, pessoas foram soterradas, partes de uma cidade histórica ficou submersa nas águas do rio, resultando em escombros e lamas. Todas estas realidades em escalas maiores ou menores são geradoras de questões as quais atingem diretamente aos que acreditam em Deus e concomitantemente provocam nos teólogos um esforço investigativo capaz de despertar a sempre nova esperança no Deus da vida, uma vez que as catástrofes expõem como que uma ferida na fé no Deus que fala e age na história.

### 1. Por que pedir contas a Deus? A clássica questão da teodicéia<sup>1</sup>

Deus não é Bom e Onipotente como anunciam as religiões? Então por que não evita tais calamidades? Por que permite a morte de tantos inocentes? Estamos diante de um dos maiores dramas do mundo, o sofrimento injusto de tantos inocentes. Este drama constitui um forte argumento contra a credibilidade no Deus-todo-poderoso que permite tantas catástrofes e o sofrimento humano frente a sua indiferença e apatia com a paixão humana. O melhor argumento se expressa pela negação: “Deus não existe” e se existisse, então por que o mal e o sofrimento?

A clássica formulação de Epicuro se faz presente segundo a qual Deus, frente ao mal, ou quer eliminá-lo, mas, no entanto não pode, ou não quer, ou não quer e nem pode, ou pode e também quer. Se Deus não pode, então não é onipotente. Se pode, mas não quer eliminar o mal então não é bondoso ao contrário, é malvado. Se não pode e também não quer eliminar o mal então não é nem onipotente e nem bondoso. Se pode e também quer eliminar o mal, então por que o mal, qual a sua origem e porque Deus não o elimina? Este clássico problema da teodicéia, que se envereda pelo caminho do Deus que vê e nada faz e do Deus malvado, continuará sendo um dos argumentos para a negação de Deus. “*A experiência do mal e do sofrimento faz improvável a suposição da existência de Deus, de modo que parece mais razoável não crer em Deus*”.<sup>2</sup>

Cabe aqui nestas calamidades, entre dores e sofrimentos dos inocentes, buscar o verdadeiro rosto do Deus presente e revelado em seu Filho Jesus Cristo. “*A fé cristã não se ocupa de Deus em si, senão do Deus para nós, do Deus de Jesus que é o Deus dos homens (Hb 11,16)*”.<sup>3</sup> Um Deus conosco, como nos afirma os campos semânticos das Sagradas Escrituras, não fica indiferente às dores dos seus filhos. Não está a margem dos acontecimentos atuando como mero coadjuvante no drama existencial dos homens. Deus sofre com os homens as dores dos homens, padece a sua paixão, compartilha com os homens o risco da história e assume como Dele esta própria história humana com seus dramas e tramas. Um Deus assim, que assume os dramas humanos como Seu não pode ser assemelhado ao “*deus ex machina da tragédia grega, o qual, em Eurípides, parece ser já quase um escárnio contra os deuses e contra a fé: o mundo é tal que só um deus que surgisse de repente poderia pô-lo em ordem, mas esse deus só existe, no teatro, parece querer dizer Eurípedes*”.<sup>4</sup>

A vida humana não é um teatro, é um acontecer que se tece na dramaticidade do existir, não é uma realidade pré-estabelecida, mas uma construção que põe em jogo Deus e o homem numa

relação que os afetam verdadeiramente. Desse modo, a tragédia grega, nada diz para nós, porque nela tudo fica como antes, sem saída e sem esperanças.

## 2. Onde está Deus? Um deslocamento necessário

Quando somos capazes de tirar lições dos dramas humanos, experimentamos um Deus que age não desde fora como o todo poderoso ou com um poder miraculoso. Encontramos sim, um Deus que age desde dentro das calamidades e sofrimentos do seu povo. É evidente que afirmando esta presença de Deus no centro dos acontecimentos, nada muda nas indagações sobre o seu poder porque as tragédias permanecem tragédias e carregam suas conseqüências. No Haiti são corpos mutilados! A cena é impactante! Os testemunhos que chegam até nós comovem! Os pobres e inocentes desenham tal cenário, então, se buscarmos respostas ou soluções imediatas ou “mágicas”, este Deus presente nas calamidades nada diz de si mesmo e muito menos será um Deus de solidariedade. Diante de todos estes acontecimentos, configura-se uma certeza da caminhada cristã: *“A fé em Deus não pode ser real a margem do escândalo do sofrimento dos inocentes, senão através dele. Então pode brotar a fé como milagre inesperado. Mas também, às vezes pode ocorrer um milagre maior: esse Deus inativo e silencioso segue produzindo ânimo e esperança no meio do sofrimento”*.<sup>5</sup> Com esta afirmação de esperança teológica, nos fica claro que só um Deus-Todo-Poderoso pode descer ao mais baixo da dramaticidade humana para dizer aos homens o lugar onde está e que seu silêncio inativo produz uma esperança de encontro.

Deus se retira em seu silêncio, já não fala, não para evitar o homem, mas para encontrá-lo. Neste sentido não seria este silêncio uma oportunidade para buscar sua palavra e sua Presença?<sup>6</sup> O testemunho de Jó do séc. XX como é conhecido por muitos, o testemunho de uma das últimas casas que ainda resistia aos ataques da Segunda Guerra mundial num gueto de Varsóvia, nos inspira a pensar no silêncio de Deus e Nele colocar toda a esperança no Senhor Deus da vida<sup>7</sup>. Então nos cabe admitir que não busquemos respostas claras e objetivas para indagações e situações de dores e calamidades que se sujeitam os humanos. Permanece a perplexidade humana e com ela a dimensão de mistério de Deus, que se oculta para revelar a imensidão do seu amor. Só um Deus Todo Amoroso pode fazer próximo tornando-se vítima com as vítimas, vulneráveis com os vulneráveis, revelando assim a sua onipotente “debilidade”. É preciso então fazer uma transição necessária, deslocar Deus de conceitos e construções pré-estabelecidas que o mantêm em uma distância e numa imutabilidade inatingível para situá-lo lá onde ele mesmo escolheu em sua Bondade e Sabedoria assumir a nossa carne, tornando-se terra, húmus.

## 3. Deixar afetar-se pelas tragédias

Outra questão fundamental chama nossa atenção diante das calamidades experimentadas: a pergunta que devemos fazer em relação à injustiça que configura nosso mundo.<sup>8</sup> Quando ocorrem catástrofes provocadas por um grande terremoto, como os recentes em solo haitiano, chileno e chinês, podemos atenuar a tensão dramática buscando as causas naturais, *“mas seu impacto desigual não se deve apenas à natureza, mas ao que as pessoas fazem uma com as outras, uma às outras, uma contra as outras”*.<sup>9</sup>

No Haiti o terremoto expõe com evidência a pobreza gritante de um país com quase 10 milhões de pessoas e o processo letal de solidariedade do mundo desenvolvido. O *status quaestionis* da configuração do planeta é que pensamos somente em 25% ou 30% dos membros da família humana, como afirma o teólogo Jon Sobrino ao comentar os impactos de um terremoto.<sup>10</sup> E o que faremos com os pobres? Questão ético-teológica, pois, há de se perguntar sobre a reconstrução do humano, reconstrução da sua dignidade e sacralidade inviolável, porque é imagem e semelhança de Deus. Do ponto de vista teológico, a tragédia humana torna-se ainda maior para os pobres e *de-per-si* impõe uma indignação ética. Os donos do mundo “*tentam aliviar os danos, mas não mostram preocupação em encontrar formas de garantir o futuro dos pobres [...]. E o que é pior, o que causa maior indignação é que parece natural que as coisas sejam assim, como se fosse algo inerente à ordem da natureza, não à ordem da história*”.<sup>11</sup>

Os terremotos tornam-se então metáfora da parábola do pobre Lázaro,<sup>12</sup> que esperava as migalhas caírem da mesa do rico, mas no entanto somente os cachorrinhos vinham lambe-lamber suas feridas.<sup>13</sup> Esta seqüência de terremotos vitimando tantas pessoas e na sua maioria os pobres, para além da tragédia, torna-se um convite: que os homens se abram à solidariedade.<sup>14</sup> “*O ponto de partida da solidariedade está no princípio de encontrar soluções com o povo, nunca apenas para ele ou sobre ele*.”<sup>15</sup> Não nos indicam as tragédias humanas que, assim como Deus em seu Filho Jesus, Verbo encarnado partilhou a partir de dentro a paixão do homem, essa seja a incumbência do cristão e que no dinamismo do seguimento de Jesus se vê diante de uma era desafiante em termos globais: partilhar a partir de dentro a paixão e sofrimento da existência humana. Esta incumbência cristã, tem um caráter universal, ser solidário com as vítimas é assumir a partir delas uma atitude em favor de uma ética universal do ser humano.

A ajuda de tantas pessoas, médicos, bombeiros, soldados, comunidades cristãs e outras para ser eficaz e humana, deve estar intimamente correlacionada à solidariedade. Esta última ultrapassa o simples e comovido gesto de dar do que se tem para aliviar o sofrimento alheio. Na hora da dor e do sofrimento, tal atitude é boa e necessária, mas pode estagnar a real necessidade de altruísmo e alteridade que remete a solidariedade. Esta não se reduz ao ato de dar, mas dar-se, por isso que alteridade pressupõe uma antropologia fundamental. O ato de ajuda, unido ao princípio de solidariedade, encontra sua razão de ser. Este aspecto unitivo revela a dimensão samaritana<sup>16</sup> presente no ser humano: aquele que se deixa afetar pelo sofrimento e a dor do outro, de tal forma que decide partilhar o mesmo drama. Esta atitude samaritana nos remete a grande necessidade que tem o mundo de abrir-se às vítimas. “*Os países ricos podem ajudar os países pobres pois detêm recursos, conhecimentos e tecnologia para minimizar as consequências das catástrofes nos países pobres*.”<sup>17</sup> Há de se tomar consciência do débito que os homens tem para com a história em que estão inseridos.<sup>18</sup>

## Conclusão

A solidariedade e a esperança são características próprias deste tempo necessitado de humanização. As tragédias e calamidades geram perguntas sobre Deus e, concomitantemente, perguntas sobre o homem. Sabemos que não há respostas fáceis e claras, mas é certo que as calamidades exigem dos homens atitudes de solidariedade, mesmo que ela não elimine a dor,

mas efetivamente crie a irmandade dos que sofrem, impedindo a solidão e a desesperança.<sup>19</sup> É preciso reencontrar a esperança neste tempo que pede aos homens a abertura de um espaço autenticamente humano, lugar revelador da presença de Deus. O homem deve tornar-se esperança do homem percorrendo o mesmo caminho de Deus, em Jesus, o homem de Nazaré: “Deus não quis ser a esperança do homem de outro modo que não fosse tornar-Se Ele mesmo homem”.<sup>20</sup> No homem Jesus, “enviado como homem aos homens”,<sup>21</sup> está presente o tema de Deus. Em Jesus, Deus entrou definitivamente no espaço e no tempo humano para compartilhar com os homens a Sua paixão e a Sua esperança.

### Bibliografia

- COMPÊNDIO DA DOURINA SOCIAL DA IGREJA. São Paulo: Paulinas, São Paulo, 2006.  
CARDEDAL, Olegario González. *Dios*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.  
CIOLA, Nicola. *Cristología y Trinidad*. Salamanca: Secretariado trinitário, 2002.  
FORTE, Bruno. *A Guerra e o Silêncio de Deus – comentário teológico na atualidade*. São Paulo: Paulinas, 2004.  
GRESHAKE, Gisbert. *Por qué el Dios del amor permite que suframos?* Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008.  
RATZINGER, Joseph. *Fé e Futuro*. Estoril: Princípia, 2008.  
SOBRINO, Jon. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.  
KREINER, Armin. *Dios en el sufrimiento*. Barcelona, Herder, 2007.  
KASPER, Walter. *El Dios de Jesucristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1998.  
VÁRIOS. *Tsunami – Advertencia para los que viven*. Santander: Sal Terrae, 2005.

### Prof. Donizete José Xavier

Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e professor assistente da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### Nota

<sup>1</sup> Desde que o ser humano descobriu a presença de Deus no universo e em sua vida. Os teólogos cristãos inventaram a teodicéia, ou seja, a argumentação que procura eximir o Deus das desgraças do mundo e explicar o sofrimento.

<sup>2</sup> KREINER, Armin. *Dios en el sufrimiento*. Barcelona: Herder, 2007, p.21-22.

<sup>3</sup> KASPER, Walter. *El Dios de Jesucristo*. Verdad e Imagen: Salamanca, 1998, p. 189.

<sup>4</sup> RATZINGER, Joseph. *Fé e Futuro*. Princípia: São João do Estoril, 2008, p. 90.

<sup>5</sup> SOBRINO, Jon. *Tsunami*. *Exigencia de Conversión* in *Advertencia para los que viven*. Sal Terrae, Santander, 2005, p. 61.

<sup>6</sup> FORTE, Bruno. O silêncio de Deus em A guerra e o silêncio de Deus – comentário teológico na atualidade. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 59-62. Também o Teólogo Olegário González de Cardedal apresenta uma consistente reflexão sobre o silêncio de Deus compreendida desde o giro antropológico realizado no séc. XX e da conseqüente dúvida passiva de Deus ou do ativo desterro de Deus da consciência humana.

<sup>7</sup> “Algo de muito surpreendente – escreve entre outras coisas – acontece hoje no mundo. É este o tempo em que o Onipotente desvia seu rosto daqueles que lhe suplicam Deus esconderam do mundo a sua face, por isso os homens estão abandonados às suas mais selvagens paixões [...]. Creio no Deus de Israel, mesmo que ele tenha feito de tudo para despedaçar minha fé nele. Creio em suas leis: eu o amo. E mesmo que me tenha enganado em suas comparações, continuarei a adorar a sua Lei. [...] Digo-te isso, ó meu Deus, porque creio em ti, porque creio em ti mais do que nunca, porque sei que tu és o meu Deus e não o Deus daqueles cujos atos são horríveis frutos de sua impiedade militante [...]. A morte agora, não pode mais esperar. Tenho de parar de escrever [...]. O sol se põe e eu te agradeço Deus, pois não o verei mais surgir. Os raios vermelhos chovem da janela: o pedacinho do céu que eu posso ver é flamejante e fluido como um fluxo de sangue. Daqui uma hora, no máximo, estarei unido à minha mulher, aos meus filhos e aos melhores filhos de meu povo, em um mundo melhor, no qual as dúvidas não dominarão mais e Deus será o único soberano [...]. Segui a Deus, mesmo quando me rejeitou. Cumpri o seu mandamento, mesmo quando, como recompensa por minha disciplina ele me feria. Eu o amei, o amo e o amarei para sempre, mesmo que me tenha rebaixado ao chão, tenha me torturado até a morte, tenha me reduzido à vergonha e ao escárnio. Tu podes torturar-me até a morte, eu creerei sempre em ti; amar-te-ei sempre, ainda que não queiras. Estas são as minhas últimas palavras, meu Deus da cólera: Tu não conseguirás fazer com que eu te renegue. Tu tens tentado de tudo para me fazer crer na dúvida, mas eu morro como vivi: em uma fé indestrutível em ti. Louvado seja o Deus dos mortos, o Deus da vingança, o Deus da verdade da fé, que logo mostrará novamente sua face ao mundo e lhe fará tremer os alicerces com sua voz onipotente. *Shema' Isra'el, Adonai Elohenu, Adonai echad*: Escuta, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é único!” Texto encontrado em um gueto de Varsóvia em 1943 em uma das últimas casas que ainda resistia aos ataques e destruição sistemática do povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial. Em FORTE, Bruno. *A guerra e o silêncio de Deus* – comentário teológico da atualidade. São Paulo: Paulinas, 2004, 63-64.

<sup>8</sup> SOBRINO, J. *Onde está Deus*. Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 31.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 31

<sup>11</sup> Ibidem, p. 33

<sup>12</sup> Lc 16,19-31

<sup>13</sup> Cf. Lc 16.19-31

<sup>14</sup> O conceito de solidariedade começou a aparecer no discurso social da Igreja, sobretudo na Encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII em 1961. “*Todos somos solidariamente responsáveis das provações mal alimentadas*”. Com João Paulo II a solidariedade se converte em uma palavra central do discurso da Igreja. Em particular na encíclica *Sollicitudo rei socialis*, onde o conceito de solidariedade torna-se uma atitude moral e social, como uma virtude que aprecia as interdependências.

<sup>15</sup> STRECK, Danilo R. e ZITKOSKI, Jaime José (Org). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 386.

<sup>16</sup> Lc 10,25-37.

<sup>17</sup> SOBRINO, Jon. op. cit. p. 50

<sup>18</sup> Os homens são “devedores daquelas condições que tornam possível a existência humana, bem como do patrimônio, indivisível e indispensável, constituído da cultura, do conhecimento científico e tecnológico, dos bens materiais e imateriais, de tudo aquilo que a história da humanidade produziu. Tal débito há de ser honrado nas várias manifestações do agir social, de modo que o caminho dos homens não se interrompa, mas continue aberto às gerações presentes e às futuras, chamadas juntas, umas e outras, a compartilhar na solidariedade do mesmo bem”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2006, p.118.

<sup>19</sup> BOFF, Leonardo. *Y Dios en todo esto...?* in Tsunami. op. cit. pp. 99-101.

<sup>20</sup> RATZINGER, Joseph. op. cit. p. 92.

<sup>21</sup> DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II – *DEI VERBUM*. São Paulo, Paulus, 1997. p. 4.